

# A VELHA GUARDA



ÓRGÃO LOCAL DO PARTIDO REPUBLICANO PORTUGUÊS

Director,

Vitorino Simões Lopes Sampaio

Propriedade da Empresa de *A Velha Guarda*

Editor,

Alcindo Dias Pereira

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: Rua 31 de Janeiro, 165 — Composto e impresso na Tip. do «Noticias de Fafe»: Rua Monsenhor — FAFE

## Liga da Mocidade

### Republicana do Norte

(Núcleo de Guimarães)

Continua despertando o mais vivo entusiasmo a formação do núcleo de Guimarães, da Liga da Mocidade Republicana do Norte, a que preside o entusiasta e talentoso advogado, Dr. José Pinto Rodrigues.

Tem sido inúmeras as filiações de gente moça e dos velhos republicanos de todas as facções partidárias. As propostas desaparecem num momento e todos os dias se reclamam um sem número.

Vê-se nitidamente que a ideia da República se arraiga cada vez mais aos espíritos e que os novos se sentem orgulhosos de descerem a terreno a provar do seu amor à causa da Democracia.

Erra quem disser que o conservantismo é o maior número nesta cidade de Guimarães.

Quando se conhecer o resultado das inúmeras filiações, quando as adesões à República vierem à luz da publicidade, então se verá que o meio retrógrado vimezanense não vai além duns delírios pergaminhos de certos tradicionalistas.

A hora que passa é de progressividade e não de retrocesso. Eis porque se acolhe à bandeira da República a mocidade e eis porque cada vez se sentem mais isolados os últimos abencerragens duma causa já morta!

A marcha continua e Triunfal. A ideia da República já é hoje um fundamento indestrutível que se contrapõe, e com vantagem, a quaisquer outros sistemas políticos.

Assim o reconhecem os novos conglobando-se, assim se irmanam os velhos envolta do seu pendão.

Viva a República!

## Cobrança

Por lapso informamos no último numero, que o semestre de publicação do nosso jornal, terminava com o numero 264, quando é certo que termina com o numero 270.

Que os nossos presados assinantes nos desculpem este engano.

## O novo Teatro

Pela Ex.<sup>ma</sup> Direcção da Sociedade de Defesa e Propaganda de Guimarães vão ser enviadas aos capitalistas vimezanenses circulares como a que abaixo se transcreve, no intuito de levar a cabo a construção dum novo teatro, como é desejo da população desta cidade.

«Ex.<sup>ma</sup> Sr.—Como é já do conhecimento público, a Sociedade de Defesa e Propaganda de Guimarães, obedecendo ao seu objectivo principal—pugnar pelos interesses desta terra e esboçar-se pelo seu progressivo desenvolvimento—tomou a iniciativa da construção dum Teatro.

Será desnecessário referir desenvolvimento os motivos que a levaram a lançar esta iniciativa, porque ela resultou, muito principalmente, do convencimento, de todos nós vimezanenses, de que não pode prolongar-se por mais tempo uma situação que muito mal nos deixa colocados perante localidades de bem menos importância. Não se compreende que ainda não tenhamos um teatro decente e comodo quando constantemente andamos afirmando as nossas grandes e incontestáveis possibilidades de desenvolvimento e de progresso, quando a toda a hora apregoamos caloramente o nosso bairrismo.

E' Guimarães uma das poucas, se não a única, cidade do País que se encontra desprovida duma casa de espectáculo, dado que as pocilgas que aí temos, e a que pomposamente se dá tal designação, não são mais do que tristíssimos e nojentos exemplos de miséria e de desconforto, exemplos que depõe muito eloquentemente

mente contra o nosso amor pela terra e, até, contra a nossa intellectualidade. A Sociedade de Defesa e Propaganda de Guimarães reconhece bem as dificuldades e os obstáculos que há a vencer para conseguir a efectivação da iniciativa que tomou, mas conta que os vimezanenses saberão acolhe-la com o interesse e o calinhoso entusiasmo que ela merece. Basta que todos—especializado, é claro, os que se encontram em melhores condições de fortuna—queiram para ela contribuir na medida das suas posses.

Se proventura, ao contrario de todas as presões, os vimezanenses não souberem ou não quizerem compreender e corresponder aos esforços dos que, desinteressadamente, pelo bom nome de todos eles se esforçam e lutam, então terá de reconhecer-se que já não há maneira de fazer despertar aquelas qualidades que, em outros tempos, nos tornaram admirados como exemplos de dedicação e amor pelo torrão natal.

Brevemente esta colectividade promoverá uma reunião, que será oportunamente anunciada, na qual serão expostos os seus planos e á qual esperamos que V. Ex.<sup>a</sup> não faltará, disposto a auxiliar com todo o interesse tão necessária e util iniciativa.

Pela Direcção da Soc. de Def. e Prop. de Guimarães

O Presidente,

Quarte Ferreri de Gusmão Souza Fraga.

Oxalá saibam corresponder aos intentos da Sociedade de Defesa e Propaganda, para ver se se acaba de vez com as espeluncas que mereciam já um museu e para que a terra se torne digna aos olhos de qualquer aldeia sertaneja.

## Acontecimentos em Loanda

### Morte do tenente Moraes Sarmiento

Do Ministério das Colónias foi enviada à imprensa, na última 5.ª-feira, a seguinte nota officiosa:

«Telegramas vindos de Angola dão notícias

de que na ausência do Alto Comissário, que se encontra no Lobito, alguns elementos da guarnição de Loanda pretenderam prender o tenente Moraes Sarmiento, chefe interino do gabinete, o qual resistiu, ficando ferido gravemente e vindo a falecer hoje de manhã. A autoridade superior militar declarou que a ordem está absolutamente assegurada, tendo avisado o Alto Comissário, que partiu imediatamente para Loanda. O governo tomou as providências que o caso reclama».

## VELHARIAS FORENSES

pelo Dr. Eduardo de Almeida

III

Estes anos de 1834-35 foram incessantemente agitados de incidentes políticos e de ocorrências criminais. Política e Justiça andam irmanadas com estreiteza, na história, e, ontem como hoje, não obstante o idealismo dos constitucionistas, as teses dos programas sectários mais opostos, o regime severo dos tratados, monárquicos ou republicanos, mesmo soviéticos, a sua influencia recíproca é manifesta. Nesse ponto, a evolução ou a firmeza de normas indispensáveis ao bem comum, é nefastamente arrastada, não sendo pouco averiguar que bastante se caminhou já, muito longe do que seria para desejar, no sentido de um maior respeito pela independência, ainda nominativa, do poder judicial—usando uma expressão em rigor científico condenada, mas corrente,—e pelo carácter livre do magistrado. São muito curiosas as notícias políticas de Guimarães daquela época. Refletem-se com dramático e picarresco interesse e na molhada dos autos a ela referentes, em cuja letra morta, escrita a tinta como poderia ter sido tracejada a sangue, ainda se representam as vicissitudes e alteração que tanto dividiram e ensanguentaram o país. D. Miguel fora exauturado e abolida a Casa do Eufantado, e, depois da Convenção de Evora-Monte, embarcara para o exílio. As Cortes reunidas, confirmaram a regência de D. Pedro—que jurara a Carta—, D. Maria II começara a reinar. Os tumultos continuam. Palmela cai. Saldanha toma o governo. Cada um destes pontos, essenciais nos dois anos, é rodeado de convulsões e provoca outras. «Toda esta dança macabra de partidos e pessoas, diz *Oliveira Martins*, corria sobre uma nação faminta, a-pesar das libras que rodavam em Lisboa, e dos tivolis e dos bailes das Laranjeiras. Força fora acudir com socorros aos lavradores. «E, noutra lugar: «A segurança de uma vitória tão custosa, tão disputada, sobretudo incerta por tanto tempo, embriagava homens que ouviram aos mestres doutrinas feitas a propósito para os desenfrear. Soltaram-se com efeito todas as cubiças e ódios; pagaram-se a tiro todas as ofensas; roubou-se e matou-se impunemente.» Vencedores e vencidos igualaram-se pelas represálias. Era a mesma fanática e enraivecida e torpíssima denuncia, a vingança, o saque, a delação imunda, a baixeza moral, a insensatez política que transformou quase esta doce terra de brando, activo e generoso povo em despenhadeiros de guerrilhas, onde se assalteavam as feras. As suas garras estão ainda impressas em muitas destas páginas de enfadonha mas sugestiva leitura.

\*\*\*

O Juiz de Fora interino, *Bacharel Francisco Leite Pereira da Costa*, ao ouvir dar meio-dia na torre da Oliveira, fechou o volume das Ordenações, onde fora buscar o artigo para um despacho, e ergueu-se do bufete. A criada asso-

mara á porta a dizer-lhe que estava a sopa na mesa, quando o official, que descia as escadas para ir também ao seu jantar, acudiu anunciando um homem, que implorava audiência. O Magistrado não escondeu o enfado, e recusou-se.

—Vem ferido num braço.

—Que se vá curar á botica, e torne depois.

—O Ribeiro é Voluntário da Rainha, Senhora Dona Maria Segunda.

—Mande-o entrar, mas de-pressa alivie o que vem a requerer.

O barbeiro da Porta-da-Vila entremelou desculpas, fazendo as reverências, mas logo estendeu a voz, entre velhaco e birbante, relatando o seu caso.

—Saiva Vossa Senhoria que ontem, ao cair das Trindades, quando passava na rua de S. Damaso, vi um motim de gente á porta da loge do Custódio armador, um mi-guelista ferrenho, saiba-o Vossa Senhoria. Estava ele mais os filhos João e Damaso, o tio dos rapazes, irmão do pae, Manuel Joaquim e uns seleiros visinhos, mas tudo gente da mesma laia. Falavam de noticias aterroradoras, contra o Governo em legitimo. Em boa-paz, não sendo eu para brincar, lhes disse que se deixassem disso, mas logo, palavras não eram ditas, caem-me todos em cima, o Custódio dispara um arca-buz que por um triz me não aponta, moiem-me de paucada, cada um a puxar a melhor, e atiram-me uma facada á este braço, que o não posso mexer. Julguei a minha fim. E, se não grito á voz delrei, ali ficaria estendido por aquêles bandidos. Tudo isto, juro-o a Vossa Senhoria, pelo ódio que me tem por eu ser Defensor do Trono Legitimo e Voluntário do Batalhão do Minho.

—Tem testemunhas?

—Quantas Vossa Senhoria apetece, a vila em péso.

O Juiz de Fora mandou chamar o *Tabelião Jerónimo José de Carvalho Guimarães*, o cirurgião Manuel Bento Teixeira, que morava na Cruz de Pedra, disse ao homem que fosse pelas testemunhas, e entrou á sala de jantar, onde a sopa já arrefentava saboreava os pasteis de nata quando chegou o Tabelião, e logo a seguir o cirurgião—que fossem andando na forma do costume. A ferida era no braço esquerdo, do comprimento de uma polegada, e de profundidade ia até ao osso. Foram ouvidas quatro testemunhas, cujos depoimentos são flagrantemente contraditorio, sendo as duas «melhorzinhas» companheiras do queixoso no Batalhão de Voluntários. Essas bebericavam na *Estalagem do Dionísio* quando um homem, vindo a correr, lhes disse que acudissem á rua de S. Damaso, onde queriam matar o camarada Ribeiro. Eles foram logo, e tão velozes que chegaram ainda a tempo... de ver tudo desde o principio. Não tem nada de extraordinário, assim acontece milhendíssimas vezes. Vindo á sala, o Juiz de Fora lançou imediatamente o despacho da

Sociedade de Defesa e Propaganda de Guimarães

Os trabalhos que em prol do bom nome de Guimarães vem realizando a Sociedade de Defesa e Propaganda de Guimarães, e ainda o conhecimento que temos dos seus propositos para o futuro, autorizam-nos a afirmar que ela ha-de saber, certamente corresponder ás aspirações daqueles que a criaram, conquistando a consideração de todos os vimaraneses.

Mas para que ela bem possa desempenhar-se da sua missão, é absolutamente necessário que a auxiliem dedicadamente. Para isso é indispensavel que os sócios afluam? Quanto maior for o numero destes mais facilmente ella poderá realizar; com proveito e honra para a nossa querida Terra, os elevados fins que se propôs.

Inscrevam-se, pois, como sócios da Sociedade de Defesa e Propaganda de Guimarães!

\* \* \*

A Direcção da Sociedade de Defesa e Propaganda de Guimarães convocou para uma reunião, que se effectuou no passado dia 12, os representantes da imprensa, a fim de lhes comunicar os resultados dos trabalhos que desde há muito vem realizando para conseguir a effectivação da iniciativa da construção de um teatro em Guimarães, ao mesmo tempo que lhe deu conhecimento do plano que, de futuro, vai pôr em prática para tal fim. Do que se passou nessa reunião daremos noticia detalhada.

Se os vimaraneses auxiliarem, como devem, os esforços daquela instituição, temos a certeza de que Guimarães virá a possuir um teatro que a não envergonhe.

\* \* \*

A Velha aspiração de todos os que fazem parte da Sociedade de Defesa e Propaganda de Guimarães vai, enfim, ser satisfeita plenamente. Depois dos vários e indispensaveis trabalhos de organização, ficou definitivamente assente a publicação do antigo e glorioso "Pro Vimarane", que tão brilhantemente marcou como órgão defensor dos interesses locais.

O jornal será colaborado por todos os vimaraneses que mais se têm distinguido pelas suas qualidades literárias e, por isso, é de esperar que se imponha á consideração dos habitantes da cidade e concelho, que nele terão um porta-voz desinteressado, imparcial e concreto, das suas aspirações, e

um defensor estremo das suas realidades e dos seus interesses.

Continuará na direcção o advogado vimaranesense, Sr. Dr. José Pinto Rodrigues, devendo fazer parte efectiva da redacção os Srs. A. L. de Carvalho, Manuel Alves de Oliveira, Alberto Vieira Braga, António Dias Pinto de Castro, Eduardo Passos e outros.

Vão ser dirigidos convites a algumas das mais categorisadas individualidades literárias não só de Guimarães, como do país, para colaborarem com assiduidade, abrihantando o jornal que irá, cremo-lo honrar a cidade e concelho.

\* \* \*

A «Liga de Defesa da Região de Braga», que recentemente foi criada comunicou a sua constituição á Sociedade de Defesa e Propaganda de Guimarães, dirigindo a esta um penhorante officio, no qual são explanados, duma maneira geral, os seus objectivos. A Direcção da Sociedade de Defesa e Propaganda de Guimarães respondeu por intermédio do seu presidente nos seguintes termos: «Agradeço, em nome da Direcção, da Sociedade de Defesa e Propaganda de Guimarães, o officio de V. Ex.<sup>a</sup>, enviado em 15 do corrente. As nossas duas instituições podem e devem auxiliarem-se mutuamente em tudo o que represente esforço ou actividade para a realização das aspirações regionais—superior objectivo de ambas. A cidade e concelho de Guimarães têm muito que pedir, reclamar e, até, exigir, no que respeita a aspirações ainda não atendidas, a direitos postergados e os interesses legitimos feridos. A satisfação, o reconhecimento e a salvaguarda dessas necessidades, desses direitos e desses interesses, muito contribuirão para um maior progresso da região minhota. Porque nos norteia o mesmo desejo de bem servir e a mesma elevada aspiração de contribuir para o engrandecimento da Região de Braga, esperamos contar, para o futuro, com a ajuda dessa colectividade, assim como ella pode inteiramente contar com o nosso desinteressado auxilio. Com os protestos da mais alta consideração, apresento a V. Ex.<sup>a</sup> e aos seus illustres colegas os meus affectuosos cumprimentos, desejando-lhe Saude e Fraternidade.

O Presidente,

Duarte Ferreri de Gusmão Sousa Fraga».

Companhia Colonial de Navegação

Carreiras para a África

Esta patriótica Companhia destinou á sua carreira rápida mensal, entre Lisboa e os portos de Angola e Moçambique, as melhores unidades da nossa marinha mercante, compostas dos paquetes «Mouzinho», «Colonial» e «João Belo».

Com elas, pelo seu aspecto, pela boa organização dos seus serviços e pelas suas excellentes condições de comodidade e conforto, espera a Companhia Colonial de Navegação conquistar a preferéncia de quantos precisem de viajar entre Portugal e as Colonias de Africa.

Transcrições

O nosso illustre colega «A Plebe» de Valença, transcreveu o artigo do nosso colaborador, amigo e correligionário Albano Cruz, «A mocidade republicana!», que muito reconhecidos agradecemos.

pronuncia, no qual declara que as testemunhas, ouvidas no somário, obrigam a prisão e livramento do Custódio e filho João, mas não das outras, mandando passar as ordens necessárias para a captura.

Passados quinze dias, o barbeiro foi a cima, á rua da Misericórdia, entrou no escritório do *Tabellão de Carvalho Guimarães* e pediu-lhe para lavar um termo.

- O homem, termo de quê?
- De perdão.
- Sabe você que mais!
- É um caso de consciência.
- Que bicho é esse, em tal corpo?

Mas o termo lavra-se e o Ribeiro levava o dinheiro) e nele e por a melhor forma de direito perdava e havia perdido aos querelados Custódio e seu filho João toda a culpa, pena e injuria, e satisfação que lhes pudesse ser julgada e applicada, pedindo ás justicas de sua Magestade lhes houvesse este perdão por conforme a culpa. Era o dia 3 de Novembro de 1834.

Mas depois é que foram elas...

(Continúa)

EM DESAGRAVO

Por considerarmos justo o pedido, do Ex.<sup>mo</sup> Sr. Duarte Fraga publicamos a seguinte carta e bem assim a folha volante «Quebrando os dentes á calúnia».

«Sr. Director do jornal «A Velha Guarda»: Remeto a V... o incluso desagravo a uma local inserta no jornal de Braga «Correio do Minho» de 29 Janeiro findo e, confiando na gentileza de V... espero dever-lhe a fineza da sua publicação no jornal de que V... é muito digno Director, pelo que se confessa, desde já, imensamente grato o

De V...

Guimarães, 15—3—930

at.º e Obg.º

(a) DUARTE FRAGA.

Quebrando os dentes á calúnia

Na crónica de Guimarães inserta no jornal «Correio do Minho», de 29 de Janeiro findo, firmado por A. L. de Carvalho, lia-se, entre outros, o seguinte trecho:

«Venha, pois, o relatório, para se ficar sabendo se, como me dizem, a actual vereação pagou 200 contos de dividas legadas pela vereação Duarte Fraga, ou se, ao contrário, apenas as constatou, para debelar um pouco a sua propria posição de nenhum relevo administrativo».

Tendo lido a referida crónica no dia seguinte, dirigí, nesse mesmo dia, ao seu autor, a seguinte carta:

Ex.<sup>mo</sup> Sr.—Tendo lido uma correspondencia de V. Ex.<sup>a</sup> no jornal de Braga o «Correio do Minho» de 29 do corrente na qual V. Ex.<sup>a</sup> pede, á actual Comissão Administrativa da Camara de Guimarães, «o relatório para se ficar sabendo se, como me dizem, a actual Vereação pagou 200 contos de dividas legadas pela vereação Duarte Fraga,» venho por este meio solicitar de V. Ex.<sup>a</sup> a fineza de me informar qual foi a pessoa idonea que lhe disse que a actual Vereação pagou 200 contos de dividas deixadas pela vereação de que fiz parte. Como não tivesse deixado divida algum á Camara feita pela minha vereação, tendo até, deixado um saldo bastante avultado quando da minha saída, conforme o provei oportunamente para desfazer calúnias, muito admirado fiquei ao ler a sua correspondencia e por isso muito grato lhe ficarei, indicando-me a pessoa que tão bem informou V. Ex.<sup>a</sup> para lhe solicitar a prova da afirmativa que a V. Ex.<sup>a</sup> fez. Aguardando resposta de V. Ex.<sup>a</sup>, pelo que se confessa muito grato desde já, sou com consideração, De V. Ex.<sup>a</sup> Att.º Obg.º

Duarte Fraga.

Na mesma ocasião fiz entregar ao Ex.<sup>mo</sup> Presidente da Camara Municipal deste concelho o requerimento que segue:

Ex.<sup>mo</sup> Sr. Presidente da Comissão Administrativa da Camara Municipal de Guimarães, Duarte Ferreri de Gusmão Sousa Fraga, vem requerer a V. Ex.<sup>a</sup> para que lhe seja mandado passar por certidão que as dividas passivas deixadas pela vereação de que

fez parte (Julho de 1926 a 31 de Janeiro de 1928) á data de 31 de Janeiro de 1928 e bem assim os saldos deixados pela mesma vereação ás datas de 31 de Dezembro de 1927 e 31 de Janeiro de 1928. Espera deferimento. Guimarães, 30 de Janeiro, de 1930.

Duarte Ferreri de Gusmão Sousa Fraga.

Em resposta á carta dirigida ao Sr. A. L. de Carvalho recebi, ainda no mesmo dia, um bilhete com os dizeres que se transcrevem:

Meu Ex.<sup>mo</sup> Amigo—A informação foi-me dada por pessoa muito categorisada na actual Comissão Administrativa. E' evidente que não devo declinar o seu nome, por me parecer de elementar correcção procurar do proprio, auctorisação para tal. Posso ir á noite á reunião da S. D. P. G. e conversaremos, a propósito. Antecipome, porém, a esclarecer o seu espirito de que a noticia não foi feita para reduzir a vereação a que V. Ex.<sup>a</sup> dignamente presidiu. De V. Ex.<sup>a</sup>

A. L. de Carvalho.

No já referido dia 30 de Janeiro, á noite, tendo-me encontrado com o Sr. A. L. de Carvalho, instei com este senhor para que me declinasse o nome da pessoa que lhe havia dado a informação que originou o transcrito trecho da sua crónica. Respondeu-me o Sr. A. L. de Carvalho que não estava autorizado a fazê-lo, mas que se ayistaria com o seu informador e, no caso dele nisso assentir, me diria, então, o seu nome.

Até hoje, porém, não me foi indicado o nome desse individuo, de onde naturalmente infiro, como é lógico, que o sr. A. L. de Carvalho não obteve a autorisação que, por melindre muito respeitável, julgava necessário.

Desconheço, portanto, qual a personalidade do solicito informador do Sr. A. L. de Carvalho, o que me não obsta, afinal, a poder e dever considerá-lo como caluniador que é.

(Continúa).

Lêde e propagai «A Velha Guarda»

D. Maria Emilia Simões Lopes Sampaio

Após doloroso sofrimento, faleceu na sua casa da Erdade, freguesia de São Paio de Vizela, com 39 anos a Sr.<sup>a</sup> D. Maria Emilia Simões Lopes Sampaio, irmã das Sr.<sup>as</sup> D. Clara Maria e Maria de Jesus Simões Lopes Sampaio e dos Srs. Alberto, Abilio e Vitorino Simões Lopes Sampaio e tia dos Srs. Dr. Alexandre Antonio de Brito Simões Sampaio, José Silvino de Brito Simões Sampaio Maximino Sampaio de Faria e José Eugénio Sampaio de Faria estudante do 2.º ano da Faculdade de Medicina do Porto. O funeral que se realizou na sexta-feira, foi muito concorrido, sendo a chave do ataude entregue ao Ex.<sup>mo</sup> Dr. Alfredo Pinto de Souza e Castro, seu médico assistente, e o levantamento pelos seus 4 sobrinhos acima referidos. Formaram-se diversos turnos, lembrando-nos ter visto entre outros os Srs:

João Gomes, João Simões, José de Carvalho, Florentino Simões, Guilherme Fernandes da Rocha, Hipólito Ribeiro de Melo, Antonio Pinto, Miguel Peixoto Monteiro, José Maria Leite, José Peixoto de Faria, Joaquim Lopes Pereira Coelho, Fernando José Moreira, Albano José Peixoto, Joaquim Torres, José Pinto de Souza e Castro, Bernardino Jordão, Antonio de Jesus Teixeira, A. F. Ferreira de Castro, A. Ferreira da Cunha, Laurindo Dias Marques, Tenente Albano Cruz, Agostinho Martins da Rocha, Augusto de Faria, Belmiro Jordão, Antonio Lopes Leite de Faria, Manuel Pereira da Costa, Luiz Soares e Joaquim Ferreira Guimarães, etc.

Vendedores ambulantes

Continua sem solução a questão dos vendedores ambulantes. E' de toda a justiça que quem de direito resalvr a questão destes pequenos negociantes, que lhes assiste o humano direito de angariarem pelo seu mixter, o suficiente para alimentar mulher e filhos legitimos que tem, o seu cargo, uma vez que o Estado cobrou as contribuições respectivas. Não se compreende tão grande anomalia, pelo que se pede que seja feita a justiça que lhes assiste, a estes humildes mas honranegociantes.

ALUGA-SE

Um bom prédio no Campo do Salvador, grande e bem dividido.

Para informações falar a José André.

Este numero foi pisado pela Comissão de Censura